

7. Quando o enredo tem mais de um clímax

Plot Points são os conflitos, os pontos de virada na linguagem cinematográfica: pode ser o complô, a reviravolta. É preciso saber abalizar o *plot* tanto para quem está construindo o roteiro como para quem está de espectador da obra. Dessa forma, nesta tese, os personagens e o público repartem a descoberta dos pontos de virada que sustentam a ação.

Conhecer o campo de atuação e dominar os pontos de virada, entendendo-os como pivôs, como placas de sinalização, pontos de destino de cada ato desencadeado por atores de dentro da escola e externos a esta (cenários), incluídas as provisões de seus recursos materiais e humanos, as afeições envolvidas pelos artefatos e pelos homens, nos dão a ideia dos elos tramados na cadeia da ação.

7.1. ***Plot Points* ou pontos de virada: cisão eu-outro**

Os Instrutores Surdos reunidos nesta tese, no terceiro ano de suas trajetórias nas escolas-piloto de Educação Bilíngue voltadas à surdez, passaram pelo momento de não-renovação de contrato. Foram em quase a metade, no caso dessas 21 escolas-piloto, demitidos pela empresa terceirizada sob alegações variadas: número de faltas sem justificativa (ou com justificativa); excesso de autonomia das escolas em liberá-los para curso ou capacitação (o que a empresa considerava não-abonável); o não-cumprimento de questões orçamentárias, de prazos para engatar um projeto ao outro, pela parte pública, órgão público detentor do poder de licitação que acaba por provocar um hiato entre as licitações devido a prazos e regras. Estas e outras explicações foram pormenorizadas somente entre instâncias superiores, não restando aos personagens, pesquisador e participantes, quase nenhuma possibilidade de argumentação.

Esforços foram realizados no sentido da renovação do contrato com estes profissionais das escolas-piloto. Parte deles, após período de espera alongada e

acirradas reviravoltas, que desautorizavam o próprio projeto-piloto, conquistaram nova chance por intermédio dos dados coletados que atestavam a importância do vínculo e da proposta de trabalho desenvolvidos. Esses períodos de negociações foram tensos e os mais posicionados e combativos foram também os mais retaliados, não importando se pesquisado ou pesquisador. Os diretores, professores e pesquisadores das e nas escolas redigiram solicitações que auxiliaram esse processo de negociação com a empresa, agora denominada uma instituição, antes uma associação. Enfim, o mesmo personagem do complô (ou trama secreta): o mercado, os donos do mercado, o monopólio do mercado.

Há uma questão fundamental: um adulto surdo em Sala de Recursos ou Classe Especial de Surdez, por escola-piloto de Educação Bilíngue, é pouco. Em uma única escola foi constituída uma equipe bilíngue que incluía mais de três adultos surdos em papel de instrutor. Mas esse papel de instrutor também é limitado. Outra questão: a militância dos surdos em seu movimento precisa observar esses agenciadores de mão-de-obra para que não seja deixado a cargo de poucos o problema crucial dos contratos de Instrutores Surdos.

Ao conquistarem espaço político, após caminho trilhado diante do menosprezo e do descrédito social nas ruas e nas escolas, por hipótese, uma das situações que ocorrerá é da imediata separação eu-outro, ou seja, do ouvinte-surdo nessas disputas por mercado. Por fatores como a causa a ser defendida, a imagem pública da diferença consolidada, a conjectura atual é de que existe a necessidade de superar o outro, ouvinte, e para isso é preciso por vezes cindir com este (o ouvinte) que esteja em posição de poder, mas isso não significa “cortar laços” de forma definitiva. Significa assumir a própria narrativa, talvez a construção de uma associação de surdos que concorra para licitação de empresa contratante de Instrutores Surdos e Intérpretes de LIBRAS no Município.

Em paralelo a isso, é preciso dar continuidade à concorrência para as vagas de concurso público para os cargos de instrutor e de professor bilíngue nas diversas disciplinas das esferas de governo federal, estadual e municipal. É preciso também elaborar um repositório de experiências e de artefatos sob a administração dos próprios surdos atuantes no Rio de Janeiro, ou seja, tomar para si as rédeas, sair do ditame de viés assistencial e protecionista da Educação Especial. Porém a academia e aqueles ouvintes que estão em postos públicos, por hipótese, precisam auxiliar a vencer um gigante, que é o poder de deter o mercado e às relações que abrem espaço

para negociação de mão-de-obra precarizada. Quanto mais politizados e em formação (na Academia), maiores as possibilidades de demissão por parte daqueles que os “administram”.

7.1.1. *Plot Points* ou pontos de virada: choque cultural na Escola Sol

Plot points ou pontos de virada podem ser traduzidos em um impacto, no dizer nativo de uma Instrutora Surda: um choque cultural, seja na escola do tipo integracionista (de inclusão), seja na escola de surdos (especial ou exclusiva para surdos). A atenção se volta aos Instrutores Surdos com um teor grande de rebeldia ao *status quo*. São eles surdos diferentes do comum, ou com pontos de vista e elaborações conceituais próprias ou análogas a um aluno de pós-graduação, detentores de leituras aprofundadas ou de uma intensidade de emoções e sensibilidade interpretativa, a flor da pele, ou, ainda, surdos vítimas de camadas justapostas de preconceito como da orientação sexual, religiosidade ou de origem; a estes surdos somam-se ouvintes do tipo informado e que passam a carregar a mesma carga de preconceitos e estigma. Não somente a surdez está em jogo, mas também outras afiliações, o que torna boa parte desses surdos e ouvintes informados bastante combativos e ricamente interessados em promover “choques culturais”.

7.1.2. Planejamento de escola, de aula

Na *Escola Sol 3*, uma entrevista com a Instrutora Surda demonstra a elaboração completa sobre o desafio da interação entre culturas em uma escola que se pretende bilíngue. Isso se dá por meio de choques, impactos e da própria noção de que as imagens podem destoar dos sentidos e dos usos pretendidos, sendo mais complexa a discussão do letramento visual para surdos.

[*Faz sinalização em LIBRAS de dar um choque cultural ou impacto cultural*]

Estava conversando com a minha amiga surda, pelo *facebook*, sobre a escola em que trabalho: sobre as dificuldades dos surdos em saber ler e escrever, sobre a classe especial e a sala de recursos.

(..)

A minha amiga estava pensando sobre o próprio destino do filho, que se nascesse surdo, colocaria na escola de surdos. Para a minha amiga, colocar o filho surdo em uma escola de ouvinte seria um choque cultural.

Fiquei pensando que colocar o surdo em uma escola de ouvintes, no sistema inclusivo, significaria um impacto ou choque.

Então conversando isso com ela eu comecei a pensar nessa ideia de choque cultural e comecei a entender o porquê.

(..)

Não importa o sinal que damos a isso, à inclusão.

[*Faz uma diversidade de sinais, em LIBRAS, para inclusão: um sinal com a conotação mais negativa, movimento de sobreposição das mãos, outro mais positivo, movimento de paralelismo, as mãos se encontram em um mesmo plano*].

Então eu pensei em organizar o que seria choque cultural. Como se sentir bem nesse espaço: sobre a recepção do aluno, as questões linguísticas e identitárias.

Discuti sobre choque cultural porque eu tinha alguns objetivos. O objetivo de modificar o olhar pedagógico da pessoa surda sobre o ensino bilíngue em um sistema inclusivo. E também tinha como objetivo tentar fazer com que a escola enxergue essa diferença: a escola precisa observar a diferença do surdo.

(...)

Por quatro tipos de caminho: o social e o linguístico, o alunado surdo, o conhecimento intercultural, o conhecimento da escola.

- Uma das primeiras transformações na parte linguística dentro e fora da escola, no âmbito maior da comunidade: essa escola imagina que exista um português ideal.

- A segunda mudança está no impacto de mostrar a língua de sinais, a presença do intérprete, materiais visualmente e didaticamente organizados para o surdo.

- No social, a entrada do surdo nesses locais de ouvintes.

- A quarta, está no conhecimento intercultural, com estratégias didáticas, as modificações necessárias a partir desta entrada.

Choques até chegarmos a um espaço bilíngue.

É o início de uma atividade pedagógica diferenciada para a própria escola porque a maioria das escolas pensa em um trabalho padrão. A maioria dos instrutores surdos já teve a experiência de conviver com ouvintes na escola comum!

A gente sabe que não é dar uma “facilidade” para os surdos, mas é preciso fazer mudanças, adaptações visuais, e a partir de desenhos mostrar o que acontece em uma estória, em questões de teste e prova: Como é possível compreender por meio de desenhos, como entender ações com figuras, passagem de tempo por meio de desenhos? (...) Como compreender as coisas imageticamente?

(...)

Pode ocorrer coisas destoantes. Os recursos imagéticos por vezes acabam conflitando o processo: texto e imagem. Nem sempre a imagem ajuda a compreender certas coisas.

Este trecho pertence a entrevista com a Instrutora Surda da *Escola Sol 3 e Flor 3*; são duas escolas de atuação para uma mesma instrutora. Esta é a tradução do discurso corrido em LIBRAS, o mais fiel possível, da própria, sem intervenções da pesquisadora. É a elaboração consistente e complexa de uma professora surda em final de formação em Ensino Superior.

Nas Escolas de *Estilo três* o choque cultural se dá com intensidade pelas características provocadoras de seus atores, Instrutores Surdos e Professoras de AEE ouvintes. Isso ao mesmo tempo que cria o atrito, o conflito, também gera o desenvolvimento de um protagonismo, seja na própria vida do ator ou nas práticas

que envolvam a comunidade escolar da escola-piloto de educação bilíngue. A seguir a grade de atividades formulada pela Instrutora Surda da *Escola Sol 3 e Flor 3*, de modo a justificar o seu discurso conjugado com o experimento de uma prática.

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
Recursos: Utilização de livros/ Pesquisas no Google/Slides / Power point/ Livro da FENEIS/ Utilização de vídeos do YouTube/ Dvd's do INES/ da LSB/ Histórias				
<p><i>Aula de Gramática da L1 e L2</i></p> <p>Objetivo: Conhecimento de suas estruturas gramaticais. Interação entre a L1 e L2 e capacitação no bilinguismo.</p>	<p><i>Aula de Fábulas/ Lendas</i></p> <p>Objetivo: Conhecimento das histórias de seus elementos psicológicos, econômicos, artísticos e culturais tendo em vista uma maior compreensão de informações.</p>	<p><i>Planejamento da sala de Recursos</i></p>	<p><i>Aula de Literatura Surda</i></p> <p>Objetivo: Formação do sujeito Surdo constituindo-se autor e produtor da sua imaginação dando significação em textos literários utilizando a Língua de Sinais</p>	<p><i>Vídeo / Mundo Surdo</i></p> <p>Objetivo: Obter o conhecimento da História Surda, Cultura Surda e do social Surdo, acontecimentos históricos e piadas Surdas.</p>
<p><i>Estudos e reforço das demais disciplinas (parte 1)</i></p> <p>Objetivo: Obter o pleno conhecimento em todas as matérias dadas em sala de aula. Realizar adaptações necessárias para o aprendizado.</p>	<p><i>Estudos e reforço das demais disciplinas (parte 2)</i></p> <p>Objetivo: Obter o pleno conhecimento em todas as matérias dadas em sala de aula. Realizar adaptações necessárias para o aprendizado.</p>	<p><i>Curso de LIBRAS para a comunidade</i></p> <p>Objetivo: Obter o pleno conhecimento de que a Língua de Sinais é a língua natural do Surdo e explicar suas formas de comunicação e de sua escrita na L2.</p>	<p><i>Estudos e reforço das demais disciplinas (parte 3)</i></p> <p>Objetivo: Obter o pleno conhecimento em todas as matérias dadas em sala de aula. Realizar adaptações necessárias para o aprendizado.</p>	<p><i>Estudos e reforço das demais disciplinas (parte 4)</i></p> <p>Objetivo: Obter o pleno conhecimento em todas as matérias dadas em sala de aula. Realizar adaptações necessárias para o aprendizado.</p>

Quadro 10 -Escola Sol 3 e Flor 3: Grade de Aulas formulada pela Instrutora Surda.

Este tipo de organização passou a ser verificada com regularidade nas Salas de Recursos das unidades escolares. Podemos ter como primeira hipótese a influência do curso de formação em Pedagogia bilíngue do INES e, por segunda hipótese, as trocas de experiências entre os surdos durante o período em que ocorre esta pesquisa-ação, já que os achados de campo eram discutidos e apresentados em sínteses aos participantes. Ainda como terceira hipótese, essa autoria ocorre, aos

poucos, quando os surdos passam a ser reconhecidos como organizadores de práticas que efetivamente auxiliam no aprendizado e na sociabilidade entre surdos, com reflexos em melhoria de desempenho e na assiduidade as aulas.

A desenvoltura em ensinar por meio da produção de narrativas, de discussões com o corpo docente da escola com os alunos ouvintes, e as complicações enfrentadas pela própria aceitação de posturas mais questionadoras de alguns propositores de ações na escola, estimula alunos adolescentes e jovens-adultos, seus professores e instrutores a contestarem a realidade vivenciada. Nem sempre chegam a bom termo, ou seja, a execução de projetos e cronogramas de aulas, mas há a tentativa de realizar mudanças. Na *Escola Raio 3* em comunicação com a *Escola Sol 3 e Flor 3*, reflexo de área de atuação e convivência (mesma região) de seus instrutores, vislumbrou-se uma antecipação das professoras regentes, de AEE, para a organização de ação pedagógica para a “Deficiência Auditiva”. Esta teve como proposta a implantação da Educação Bilíngue com as características apresentadas de forma mais próxima ao cenário da escolas e a percepção de seus atores, incluindo o Instrutor Surdo.

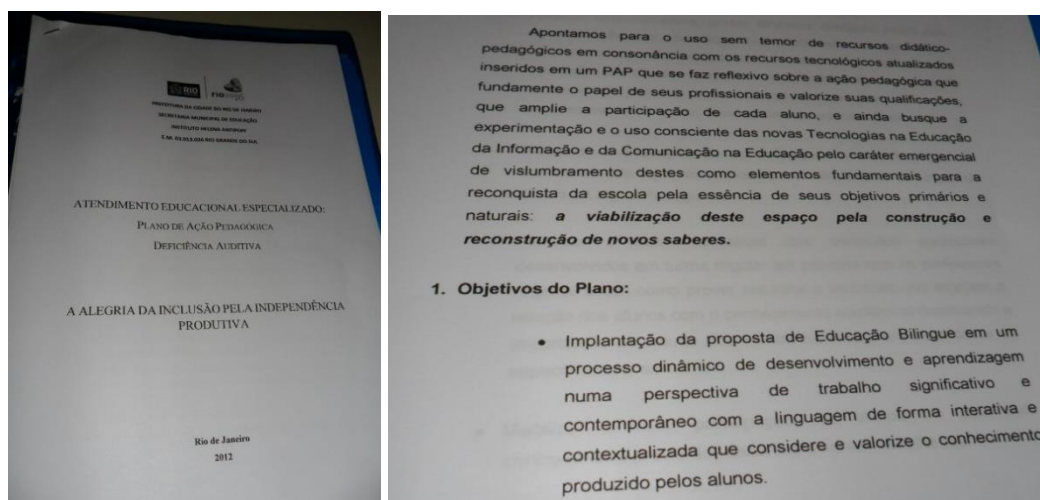


Figura 157 - Escola Raio 3: Plano de Ação Pedagógica.

As situações não fluíram tão harmoniosamente, mesmo se tratando do reconhecimento do grupo em si, de Instrutores Surdos, o que demandou três anos para tal entendimento mínimo sobre as suas atribuições, sobre os seus direitos trabalhistas e o impacto positivo de suas contratações para as escolas. Os Instrutores Surdos das escolas-piloto confrontaram-se com demissões, grande parte delas, conforme já mencionado, por múltiplos fatores que desmontavam a forma básica do projeto, isto posto por inadequação dos objetivos de contratante, empresa

terceirizada, e órgão público. A iminência de desmantelamento das equipes as quais pertencem os Instrutores Surdos nas escolas, incluindo o Laboratório de LIBRAS, e o próprio projeto que compõe esta pesquisa-ação, ainda é persistente no quarto ano.

Em diversos momentos fomos impedidos da execução de encontros para formação e devolutiva com o grupo de Professores de AEE e instrutores Surdos, sob a alegação de impedimentos da empresa em liberá-los, os surdos contratados, junto ao regente de turma, sob pena de não estarem atuando diretamente com o alunado. No entanto, a grade de horário prevê o planejamento para ambos em um dia da semana, sem alunos, bem como a exigência da formação e capacitação em serviço junto ao AEE. Pela insistência e motivação dos pesquisados e da própria pesquisa, que conquistou certa respeitabilidade, mesmo diante dos desarranjos ao longo dos anos, prosseguiram-se os investimentos materiais com relativa estabilidade.

Retornando a outras especificidades, essas escolas de estilo três apresentam-se como espaços de convivência de alunos surdos em classes especiais, classes comuns e/ou em Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA). Acontece um fluxo de entrada de surdocegos, ou ainda, oriundos de escolas com professores e instrutores, que, mesmo especializados, não conseguem lidar com surdos que possuam alguma outra especificidade ou diferença, como o autismo, ou até mesmo a situação de nunca ter frequentado uma escola durante toda a vida ou não ter a frequentado na fase pré-escolar. Situações que não são tão raras quanto se imagina, ocorridas em todo o Estado do Rio de Janeiro.

7.2. Interpretações em sentimento: recursos teatrais como clímax

As interpretações em sentimento são mais apropriadas para o contexto de apropriação da língua de sinais, devido às dificuldades apresentadas pelos alunos surdos que não convivem na comunidade surda ou que passaram longos períodos fora da escola. Essa característica que se observa com regularidade na utilização do teatro na escola.

A maneira de conservar a mensagem que se espera, as negociações, interpretações e as possíveis posições de olhar, de ver, formam o repertório experiencial em jogo na *Escola Adão 5*. A natureza escolhida de linguagem e

pensamento oferece pistas importantes na escolha de alguns suportes e matrizes em detrimento de outros nas práticas pedagógicas.

O máximo de pistas sobre o enredo precisa ser realizado ao trabalhar personagens e outros elementos, tais como sinais que ainda não conhecem e “elos” entre o verbal (em língua de sinais) e a imagem (de vídeos, de cenários, de ilustrações). Aproveitando esse clima de expressividade, peças teatrais foram preparadas e dirigidas pelo Instrutor da *Escola Adão 5*, de modo a envolver toda a escola de ouvintes para assistir a interpretação dos alunos surdos.



Figura 158 - Escola Adão 5: Sequência de oito fotos da peça teatral “Os três porquinhos” encenada, em LIBRAS, pelos surdos mais velhos para o público infantil da escola no teatro/auditório.

Este Instrutor Surdo possui uma trajetória em escolas de surdos e escolas comuns. Durante a sua escolarização, com os altos e baixos vividos em todos os espaços, sejam eles especial ou regulares, tirou das superações grande parte de sua sensibilidade para lidar com crianças surdas. Em entrevista sintetiza: “Os instrutores surdos esquecem de como foi difícil, antes, quando crianças”. Participou de formação de grupo de teatro, tendo tomado parte de várias montagens na escola de surdos. Faz atualmente Pedagogia Bilíngue no INES.

7.2.1. Contação de estórias e o uso dos espaços alternativos

A principal atividade realizada por este Instrutor Surdo é a contação de estórias infanto-juvenis, as aulas-passeio em espaços como galeria de artes plásticas e exposição de esculturas, de instalações que permitam a interação com as obras e o conhecimento sobre a história de vida dos artistas, conforme regularidade

encontrada em outros instrutores. Com isso, o instrutor produz a discussão sobre as visitas e os personagens. Ele reconta as narrativas de estória de vida, assiste a vídeos e, como síntese, produz peças teatrais ou painéis com criações em desenhos e textos curtos em língua portuguesa. Os espaços da escola são os mais alternativos possíveis para as suas ações: o pátio, o auditório, o palco, o passeio.



Figura 159 - Escola Adão 5: Exposição no teatro/auditório sobre visita às Obras de Tarsila do Amaral no CCBB – Trabalhos intitulados: “Reproduzindo suas obras” e “Somos todos artistas”

São as marcas de uma pedagogia ou didática surda na qual o processo de inserção social do surdo, em comunidade, principalmente a comunidade surda, é prioritária, acima de qualquer conteúdo curricular previamente estabelecido. O uso dos espaços alternativos combina bastante com esta concepção pela variedade de oportunidade de acesso às informações em uma aprendizagem para a vida, para sobrevivência e a atuação entre dois mundos: surdo e ouvinte.



Figura 160 - Escola Adão 5: Exposição no teatro/auditório sobre “Campanha antitabagismo” com o cartaz “Não queime sua vida” explicado pela aluna surda a pedido do Instrutor.

Ainda persistem as salas de aula especiais e as salas de recursos como sendo aquelas, em sua maioria, das mais afastadas do prédio principal ou das alas principais, as salas com menor metragem, as mais próximas do pátio, do fundo da escola, do andar mais alto do prédio. As motivações são o silêncio, a segurança, o espaço mais reservado, o espaço gradeado para a proteção dos equipamentos tecnológicos.



Figura 161 - Escola Adão 5: Sequência de oito fotos da “Contação de estória pelo Instrutor Surdo” para surdos em fase de alfabetização na sala de recursos.

A habilidade com crianças pequenas e o elo com os mais jovens, a partir da constituição dos mesmos como atores e intérpretes, se sobrepõe ao interesse por outros aspectos da escolarização. A vida fora e dentro da escola é significada por esses momentos de compreensão de mundo, ficando a cargo da Professora de AEE a responsabilidade por sistematizar o aprendizado de cálculos, da escrita na segunda língua, a língua portuguesa. Enquanto que, para o Instrutor Surdo, fica a responsabilidade do trabalho com a língua de sinais e a produção de materiais pedagógicos adequados ao ensino mais lúdico.



Figura 162 - Escola Adão 5: Sequência de oito fotos explorando relógio construído para ver as horas e sinalizá-las em LIBRAS.

A união e a comunicação entre os surdos mais novos e os mais velhos ocorre nos passeios, na proposição das peças teatrais, assistindo-as ou atuando em papéis de filhos, filhotes dos personagens principais. Deste modo, surge a formação dos mais velhos que vão tornando-se modelos linguísticos e futuros instrutores.

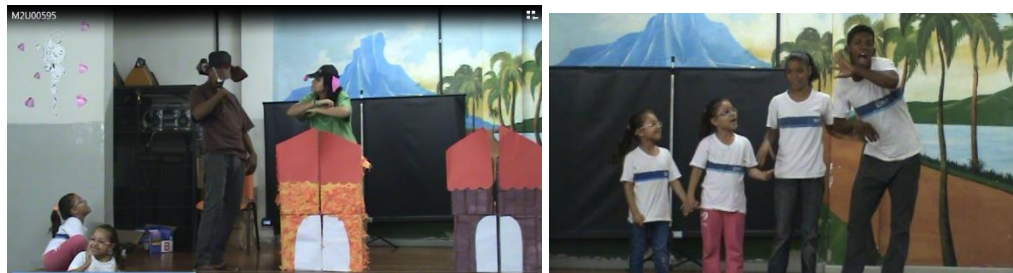


Figura 163 - Escola Adão 5: Sequência de duas fotos de peças teatrais: uma apenas pelos surdos mais velhos e outra com os mais novos no papel de filhotes.

Os vídeos de Literatura Surda adquiridos para as escolas-piloto, oriundos de editora de vídeos especializada na língua de sinais, possuía um narrador, ator e, atualmente, pesquisador surdo, que inspira muitos jovens, inclusive estes nas fotos, a desenvolverem seus estilos de narrativa surda. Mesmo se tratando de universo infanto-juvenil, os vídeos precisavam ser pausados e verificadas as antecipações dos adultos, Instrutor Surdo e AEE quanto a: 1) Convenções de representação para que possam ter chave de leitura de diferentes formas visuais, verbais, sonoras; 2) Utilização de experiências de vida e percepções frente às formas representadas (ilustrações, figurinos, cenários) e ao próprio vocabulário em LIBRAS contidos nas produções. Os vídeos parecem difíceis para a compreensão imediata, talvez como qualquer texto verbal o é.

Nas atividades subsequentes a Professora de AEE percebia a necessidade de fotografar as próprias cenas utilizadas nos vídeos, no lugar de realizar estilizações que dificultariam a compreensão dos alunos.



Figura 164 - Escola Adão 5: Sequência de duas fotos de atividade impressa a partir da fotografia das próprias cenas dos vídeos em LIBRAS.

Quanto à língua de sinais expressa nos vídeos, onde um sinalizador mais experiente, e ator surdo, conta fábulas, a atuação do mesmo causava uma emoção manifestada, de imediato, nos alunos pequenos e mais velhos, que reproduziam em ato contínuo as cenas, contracenando entre eles ou sozinhos (assistindo e repetindo os pontos altos, as expressões mais enfáticas, o clímax), e alguns até mesmo enamorados pelo ator em cena. Houve uma regularidade nesse tipo de resposta positiva aos vídeos de literatura surda.

Em boa parte do tempo, fugir desses espaços onde os responsáveis pelos alunos são somente os professores especializados, talvez seja o desejo mais escondido, pois alguns desses locais são denunciados e, visivelmente, se configuram como o local onde não chega a *internet*, o local onde o inspetor de alunos não passa, talvez o mais próximo a um banheiro reservado, com uma pia separada e atividades incríveis (ou entendidas como excêntricas), mas que não serão visibilizadas. Se não há um esforço dos atores e diretores destas práticas para saírem e retornarem “aos seus lugares”, estariam fadados ao esquecimento. Mesmo com a insistência da ideia de transversalidade da Educação Especial, perpassando todos os níveis, a força do hábito reforça que esse alunado ainda seja de responsabilidade de um setor especializado da escola, um setor do tipo “informado” e que carrega o estigma junto com o grupo de estigmatizados, sendo, portanto, possuidores de papéis e cenários menores do que outros atores da própria escola; eles atuam em bastidores que, por vezes, passam a interferir na dinâmica da escola.



Figura 165 - Escola Adão 5: Exposição no pátio sobre “Rio +20” explicado pelo Instrutor Surdo.

7.3. Visão integral ou holística e processo social em prol dos surdos

Não importando o fato de o sinalizador ser ouvinte ou surdo, e sim o sentimento em relação à sinalização que os surdos irão experimentar, na *Escola Céu I*. Quem garante a direção das práticas é uma Professora de AEE que possui fluência equiparável a um nativo surdo. Desse modo, é comprovável que o que vale é analisar o artefato enquanto artefato, de acordo com o valor para a comunidade surda, até mesmo porque esta regente recebe jovens e adultos surdos e os insere na comunidade surda e em vivências surdas devido a sua proximidade de longa trajetória nessa comunidade.

Enquanto produção cultural que representa o modo de ser surdo, já é mais complexo se dizer que os artefatos produzidos possuem as marcas do gesto surdo, pois há visíveis controles do mundo ouvinte nos objetos utilizados pela mesma. Eles estão conjugados à preocupação com o processo de escolarização dos surdos, o que não desmerece a qualidade do que é ofertado e a autenticidade de sua produção pedagógica voltada à surdez.

Esta professora desenvolve uma inserção social e de comunicação efetiva e afetiva com aqueles que buscam a escola, desde os casos de surdos com autismo, até mesmo adultos surdos analfabetos e usuários de uma língua convencional entre os familiares, não sendo a forma padrão da LIBRAS, passando também por esta escola os jovens que buscam a formação para o mercado de trabalho. As tarefas desta professora ultrapassam os muros da escola, preparando os adolescentes para fazerem provas para vagas concorridas em escolas técnicas. Aos poucos seus

esforços vão sendo reconhecidos e os Instrutores Surdos que compõem a equipe da escola se beneficiam do poder de liderança desta professora ouvinte.

O diferencial desta ação da *Escola Céu 1* é a vivência de um protagonismo por alunos e professores. A começar pela montagem do que os próprios atores chamam de *Equipe Bilíngue do CIEP*, composta por quatro Instrutores Surdos, um número de intérpretes de LIBRAS organizados pela AEE e alguns professores regentes das disciplinas de PEJA. Mesmo com a adesão de poucos às adequações curriculares necessárias, houve um professor de história que resolveu inserir imagens em todas as suas atividades devido a presença de surdos na escola. Essa iniciativa ainda é escassa diante da necessidade de que todos os componentes curriculares sejam tratados do modo mais imagético possível, no lugar de longas aulas no formato expositivo (verbal) em língua portuguesa oral.

7.3.1. Invenção dos objetos: efeito Zoom ou zum

A direção da prática na *Escola Céu 1* fica a cargo da ouvinte, pela forte liderança como já mencionado. Os Instrutores Surdos - uma parte deles ainda é inexperiente - estão em primeiro emprego e, talvez, o desafio de liderar e dirigir estas práticas, pela complexidade do grupo de Sala de Recursos ser composto por em média de 8 a 15 surdos jovens e adultos, fique nas mãos da ouvinte. Mais de 15 surdos frequentam as aulas noturnas e são acompanhados por essa equipe entre tardes e noites durante em média oito horas diárias. Os surdos frequentam diariamente a Sala de Recursos. Esse é um diferencial ainda não alcançado em alguns espaços.

As propostas educacionais voltadas para o aluno surdo com outras condições, sejam elas de implicações sociais pelo analfabetismo ou de ordem sensorial, cognitiva e motora ou de transtornos globais do desenvolvimento (autismo, síndromes), levam em conta a flexibilização curricular necessária e as ajudas técnicas para o desenvolvimento e a aprendizagem. Entendemos nesta escola por flexibilização curricular o professor recorrer a uma adequação do currículo de forma mais intensificada, onde o foco não está nos resultados alcançados pelo aluno, mas na preparação de objetos, de recursos e da metodologia de ensino a ser oferecida. O que não quer dizer abdicar de trabalhar conteúdos apropriados à etapa de escolarização, ainda que existam pequenas exceções de adequações mais

extremas, como é o caso de alunos que ficaram totalmente privados de escola e da convivência com outros surdos.

O efeito *zoom* não é notado somente em temas ricamente ilustráveis. Nos exemplos a seguir, para mostrar a variedade de artefatos construídos para aproximar e distanciar, expandir e retrair assuntos e subtemas de modo a caminhar com o grupo, pode-se notar do simples ao complexo, do concreto ao abstrato, dos conceitos à ordem prática, um grande número de situações que compõe o ato de ler ilustrações, publicidade, mapas, fotografias, língua de sinais, língua portuguesa, símbolos e convenções sociais. Há apoios imagéticos estáticos, construídos com as vivências no grupo, e recursos comunicacionais especialmente pensados para os que estão em fase de ampliação da LIBRAS e da Língua Portuguesa, levando-se em conta os aspectos de escassez vividos na entrada do mundo do trabalho conjugados a quase total ausência da escola, até casos, ainda existentes, de institucionalização de surdos na área da saúde, de acometimentos originados em preconceito, e que privam alguns desses da convivência da língua, de comunidade surda, e do afeto, no seio familiar.

a. *Ilustrações em cartazes, para consulta, ao lado do quadro*

Esses cartazes são fixos enquanto houver a duração do assunto. Comumente são esquemas em imagens ou língua portuguesa ou, ainda, fotos. Regularmente apontam para uma redução ao ponto da realidade vivida pelos alunos, neste caso, o centro do Rio de Janeiro, mais precisamente a Lapa e os vários bairros de origem dos alunos, percebendo-se as distâncias entre as suas casas, a casa da professora, a escola e o mundo do trabalho, o hospital, os transportes públicos, e outros ambientes em que circulam.





Figura 166 - Escola Céu 1: Sequência de sete fotos para visualização dos cartazes fixos no espaço da sala de recursos durante o trabalho com localização espacial.

b. *Registro fílmico das etapas do passeio projetadas durante a aula*

Pela localização da escola no centro do Rio, a professora de AEE e Instrutores Surdos, regularmente, selecionam alguma exposição, o espaço aberto das ruas, os museus, os teatros, para a filmagem sobre as experiências que girem em torno de conteúdo das disciplinas, ou vice e versa. As exposições importantes também podem ditar o caminho a ser perseguido pelo grupo em busca de mais conhecimento e informações nas disciplinas.

A professora de AEE possui grande acervo fílmico, parte a ser editado e disponibilizado como artefato de proveito didático, já que o domínio da língua de sinais e a capacidade de organizar o grupo nessas aulas-passeio geram visitas guiadas, com perguntas e respostas pertinentes ao conteúdo curricular de Educação de Jovens e Adultos, em que há pouco material pensado para esta faixa etária.

Os vídeos são ferramentas de aula e pensados juntamente com os alunos que possuem experiência com a filmagem, de modo que, um pouco diferente das vídeo-aulas, vídeos enciclopédicos preparados a partir do protagonismo do adulto professor ou instrutor, se observam marcas maiores de improviso, de sinalizações originadas nos alunos jovens e adultos surdos. Portanto, todos os atores, professores e alunos são personagens, não importando o grau de hierarquia (nos vídeos), pois há ampla flexibilidade de papéis.

Nessas imagens há uma espécie de *making off* dos bastidores da visita, com o que foi assistido e interpretado, ao vivo, em termos de palestras, cartazes, dúvidas

surgidas, palavras-chave, reações dos circundantes ao grupo de surdos presentes nas mostras.



Figura 167 - Escola Céu 1: Sequência de cinco capturas do Vídeo em formato de *Making off* dos bastidores da visita - fotografias, palestras e instalações da Exposição: “A Terra vista do céu”, na Cinelândia.

c. *Construção de atlas geográfico a partir da interação com a instalação*

Após a etapa em que se registra tudo de forma livre, a professora de AEE e os próprios surdos propõe interações práticas, de forma bastante didatizada pelo modo que pretendem levar informações de volta para a escola, para os pares surdos e ouvintes, seus professores. A intenção das fotografias e edições, neste caso da Exposição “A Terra vista do céu”, foi relativamente simples, pois os alunos interagiram entre si, se acomodando em cima dos continentes e dos países, filmando a realização dos sinais e da datilologia em língua portuguesa, formando uma espécie de Atlas Geográfico. É uma forma de prepararem os materiais para as suas aulas em sala de recursos e classe comum.

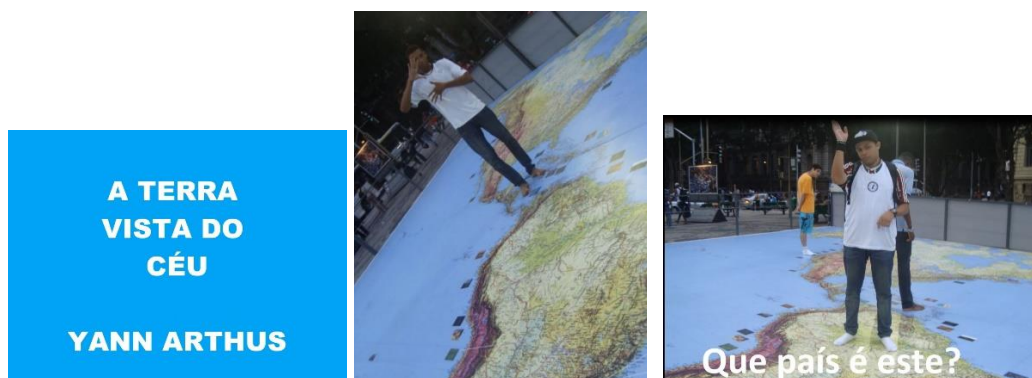




Figura 168 - Escola Céu 1: Sequência de oito capturas do Vídeo em formato de Atlas Geográfico após interações dos alunos nas instalações da Exposição “A Terra vista do Céu”.

d. *Material para comunicação de efeitos aproximação, afastamento*

Esse material de baixa tecnologia, em isopor, papéis com impressão colorida, cortados em formato de janelas nas quais é possível proceder uma aproximação da galáxia onde se situa a Via Láctea até chegar ao Município do Rio de Janeiro, foi pensado para o momento de apresentação de trabalho e de testes, resultantes de mostras da aquisição de conhecimento sobre o tema. A motivação partiu de aluna, recém-ingressa, oriunda de outra cidade brasileira onde pouco estudou e não pode conhecer a comunidade surda e a língua de sinais. Com o material e com a dedicação da jovem surda para a aprendizagem da língua de sinais este foi o modo de expressar-se em relação ao tema diante da turma composta por surdos e ouvintes, mostrando o que sabia, indo e vindo, compondo entendimentos sobre a localização espacial, a compreensão dos mapas, indicando e reconhecendo formas e localizações na geografia que estava sendo usada em sala.



Figura 169 - Escola Céu 1: Sequência de quatro fotos do material) de baixa tecnologia em formato de janelas (de até 10 janelas) para efeito Zoom.

e. *Uso do Google Maps com impressão colorida de ruas e prédios*

Recursos de importância ilimitada para alunos surdos estão na *internet*, com as buscas em repositórios como o *Google Maps* e a possibilidade de impressão colorida desses materiais, além do aprendizado da escrita de palavras para busca em português e inglês. Em futuro próximo, é previsível a necessidade do uso de um *tablet* com *internet* por aluno surdo. A impressão colorida e o *tablet* para alunos surdos não são realidade em escolas municipais. O pior complicador é que a maioria das Salas de Recursos apresentou problemas com a acesso à *internet*.

No caso da impressão, vários professores de Salas de Recursos negociam usos de impressora colorida com a direção da escola ou pagam por impressões (do próprio salário) por considerarem insubstituíveis na ausência de sinal da *internet* e busca em tempo real. Encontramos um expressivo número de materiais adquiridos pelos próprios professores da Educação Especial e pelos Instrutores Surdos, para criarem materiais voltados a esse público.



Figura 170 - Escola Céu 1: Sequência de quatro capturas da filmagem da dinâmica da sala: 1. Uso de Google Maps –símbolos, endereço; 2. Impressões coloridas das fotos aéreas dos bairros e das ruas; 3. Análises dos materiais.

Os recursos em HD externo para armazenamento de gravações, fotografias e catálogo de imagens, *pendrive*, *tablet*, *modem 3G* eram, em sua maioria, de uso pessoal dos atores das práticas. Essas salas receberam computador, impressora com tinta preta, telão, projetor de slides, mas esses itens ainda estão longe de serem suficientes e foram recentemente adquiridos para esses espaços (menos de quatro anos de uso).

- f. *Comentários a partir de fotografias, uso de painéis de estrutura em foto, quadro-de-giz e telão*



Figura 171 - Escola Céu 1: Captura de Filmagem da intervenção da Instrutora (de pé):
1. Ao fundo as fotografias de passeios, eventos etc em formato de painel; 2. Mesas em semicírculo; 3. Mapas aéreos impressos nas mãos dos alunos.

A dúvida de um aluno suscita uma coleção de diálogos em língua de sinais, como 1ª língua (L1) da sala de recursos, e a escrita em língua portuguesa, como 2ª língua (L2), constituidora de estruturas e composições convencionadas em sociedade. São assuntos pormenorizados aula a aula (são quatro horas diárias de sala de recursos), tais como os exemplos observados: andares dos prédios e numerações de apartamentos, como se referir aos números ordinais e a escrita do ordinal e cardinal (o número do andar e o número do apartamento); nomenclatura sobre estar casado com, solteiro, ser mulher de, esposa do, marido da, esposo da ou do, morar junto com. Parecem questões simples, mas, ao serem transpostas para a escrita em língua portuguesa escrita, demandam estratégias comparativas e metodologia de ensino adequadas para L1 e L2, além de ampla convivência com a comunidade surda, seja o ator ouvinte ou surdo.

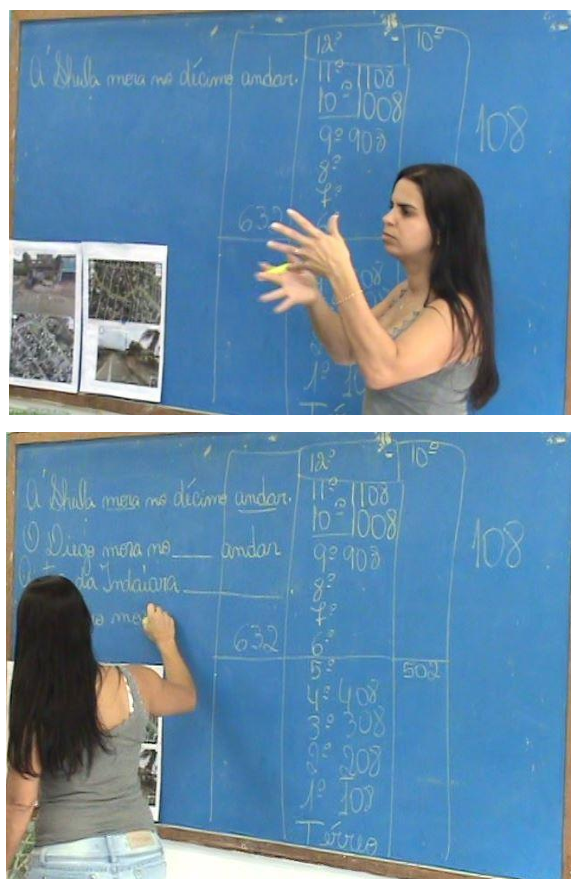


Figura 172 - Escola Céu 1: Sequência de duas capturas de filmagem da Professora de AEE no registro de frases para abordar L2 (no quadro) a partir de diálogo em L1 sobre: andares dos prédios e numerações de apartamentos, a escrita do ordinal e cardinal.

Diante de um painel amplo de surdos, instrutores e alunos, foi possível observar a língua de sinais em diferentes estágios de aquisição e de aprofundamento, demandando espaços de intensas trocas nos quais surgem também as oportunidades da escrita em língua portuguesa e de reflexão sobre a língua de sinais. Mostramos, a seguir, a sequência corrida nessa mesma dinâmica em sala de aula:

Onde mora? [Alunos dialogam entre si sobre as localizações de suas casas, prédios e escrevem em português dados sobre os seus locais de moradia: nome do bairro, da rua, com quem moram etc.]

Paulo não é nome de parte do mundo, é o nome do marido dela!
[Comentário de um aluno]

Tá bom, é o seu marido. [Faz em língua de sinais]

Casar, ok? [Questiona o colega quanto a escrita: “É seu o que?” Faz datilologia c-a-s-a-r]

Faz novamente [A professora pede para fazer o sinal e a datilologia].

Corrige para a datilologia da palavra “c-a-s-a-d-o”. **O que significa esta palavra?** [A professora pergunta para a turma]

Já está casado. [Um aluno responde em língua de sinais]

Olha só... Faz a datilologia “C-a-s-a-d-o”. **Casado é o mesmo que?**

Olha o que o colega está dizendo: “É m-a-r-i-d-o”.

Tem mais? O que mais? Tem outra palavra que pode ser usado para dizer sobre a situação de união do Paulo com a Sandra?

[Explica de várias maneiras]

C-a-s-a-m-e-n-t-o [datilologia feita por um aluno] **Diego disse casamento. O que que é isso?**

Casamento tem a ver com festa de casamento. [Resposta de um aluno]

E-s-p-o-s-a. E isso? Alguém conhece esta palavra? [Escreve no quadro as palavras utilizadas]



Figura 173 - Figura 172 - Escola Céu 1: Captura de Filmagem da intervenção da Professora (de pé) entremeando o diálogo: 1. Aponta para o aluno surdo para que responda; 2. Registra no quadro as hipóteses em formato de esquema.

E-s-p-o-s-a, e-s-p-o-s-o. Ah, já entendi! [Reflexão de um aluno fazendo a datilologia para os colegas]

Então é isso! Legal, consegui, consegui. Conheço “e-s-p-o-s-a”. [Outro aluno manifesta conhecer a palavra].

C-a-s-a-d-o, m-a-r-i-d-o, e-s-p-o-s-o é o mesmo sinal. Sinal igual. [Reflexão da professora fazendo a datilologia]

Isso mostra que a pessoa já fez o que? [parece fazer sinal de ação]

Já fez a festa de casamento, já casou, assinou os papéis. Ele está c-a-s-a-d-o. [escrita no quadro]

Homem casado é marido e esposo [escrita no quadro]

Eu sou o que? [Pergunta da professora]

“M-a-r-i-d-a” [datilologia feita por um aluno]

“M-a-r-i-d-a” está certo? [Pergunta da professora]

É e-s-p-o-s-a. [datilologia feita por um aluno]

C-a-s-a-d-a, e-s-p-o-s-a, mesmo sinal? [Pergunta da professora]

Ela e Paulo formam um casal. Marido, juntos. [Descreve um aluno]

O Vitor vai escrever que é c-a-s-a-d-o? [Pergunta da professora]

Não. Eu moro junto. [Resposta do aluno]

Então, o Vitor está vivendo junto com uma mulher, o sinal dela é esse, o nome dela é M-a-r-i-n-a. [Reflexão da professora]

Vitor e Marina são o que? [Pergunta da professora]

Tem que colocar o nome. [Reflexão na turma]

Eles vão se casar. [Reflexão na turma]

Não sei se vão se casar. [Reflexão na turma]

Namorados moram juntos? [Reflexão na turma]

Eles vão se casar? [Reflexão na turma]

Não sei. [Responde o aluno para os colegas]

Namorado é comum morar separado. Marcam para sair no final de semana. [Comentário da professora]

Quando vivem os dois juntos estão unidos, juntos. [Reflexão na turma]

Juntos, é melhor esse sinal... [Reflexão do aluno sobre a sua condição e o sinal para se referir a isso seria de “estarem morando juntos”]

Se eu estou casada e começo a namorar outra pessoa. O nome disso é a-m-a-n-t-e. O sinal é esse. [Mostra um aluno]

Eu posso ser amante do meu marido. [Reflexão da professora]

Você tem amante? [Reflexão de um aluno para o outro]

(...)

Agora vamos colocar as preposições. O que que combina aqui? Vamos pensar nessas frases em português [Escrita das frases no quadro pela professora]

“c-o-m” . Essa preposição “c-o-m” combina com esta frase? [Pergunta da professora]

Paulo é casado com.. Diego é meu... É seu... [frases no quadro]

Então, o Paulo é esposo de quem? [Pergunta da professora]

(...) [respostas dos alunos]

É “d-a”? Essa preposição combina com esta frase? [Pergunta da professora]

O “d-a” é de quem, é com quem... Então, vamos pensar na escrita em língua portuguesa. [Reflexão da professora]

O que acontece é uma visão integral da vivência da sala de aula, fruto da didática vivida, em que o texto, a imagem ilustrativa e o verbo (entendido como a língua de sinais e a língua portuguesa), se harmonizam em um formato que, talvez, sozinhas, uma língua ou outra, não dariam sentido de vida para esses sujeitos. Nesse caso, a língua portuguesa significa as situações vivenciadas na escrita de documentos sobre o estado civil, sobre as construções societárias desses mesmos estados; uma e outra língua não são totalmente entendidas sem os fluxos de diálogos ocorridos neste dia de aula. A ideia em jogo está na frase: “a foto de um prato de comida não mata a fome”. A professora desliza por rotas de leitura variadas, seja do telão para o quadro, do quadro para as fotografias, das fotografias para as vivências diárias, nas possibilidades permitidas por uma escola pública e com os fatores descritos sobre recursos materiais ainda insuficientes e ações para a contratação.

A dinâmica dessa Sala de Recursos é dirigida pela professora de AEE, o que a princípio preocupa em termos de autonomia de Instrutora Surda poder criar novas práticas. No entanto, esta polarização é atenuada quando verificada as práticas no noturno, onde mais Instrutores Surdos, com maior experiência, somam esforços para o desempenho dos alunos nas atividades. É possível observar maior impacto dos instrutores, o que presumimos ser totalmente insuficiente a presença de um único Instrutor Surdo por turno. A pouca experiência do instrutor faz colocar-se no papel de executor de serviços ou aprendiz do saber-fazer, sendo necessário mais

instrutores no espaço da escola, atuando em classe comum, especial ou sala de recursos, tanto quanto em salas de leitura, teatro, sala de informática formando o que chamaríamos de espaços ou salas bilíngues; nessa escola temos um graduado em Educação Física na função de instrutor.

A professora de AEE está posta em posição de autoridade no assunto surdez e não há como denegar sobre a sua experiência. Os alunos jovens e adultos surdos e suas famílias possuem a parceria constante desta, inclusive na inserção social plena dos mesmos.

Mas abrimos espaço para uma instabilidade quando o equilíbrio de forças não é alcançado, e as visitas periódicas e a formação em serviço, de ambos os atores em condição de bidocência, é ponto crítico para esta relação acontecer de maneira equilibrada. No entanto, esse espaço busca a atuação de uma equipe bilíngue; para tanto, continuemos a mostrar as atuações possíveis.

7.3.2. Invenção de objetos de comunicação alternativa

A decisão sobre qual tipo de sistema alternativo de comunicação será escolhido e utilizado de forma mais efetiva e contínua (gestual conjugado ao pictográfico, figurativo ou alfabético) requer reflexão. A principal delas é que se for um aluno surdo que foi privado por longos anos da língua de sinais, será necessário saber se o faz (uso da língua) e em que nível de compreensão. Se não o faz, esta *Escola Céu 1* é um exemplo de condições para ampliar a comunicação, o que atraiu famílias e casos de diversas partes do Rio, encaminhados até mesmo por associações e escolas de surdos, pois a abertura da vivência em LIBRAS é enalçada em diversas frentes por longos anos de trajetória.

As propostas educacionais voltadas para o aluno surdo com outras condições, sejam elas de implicações de ordem sensorial, cognitiva e motora ou de transtornos globais do desenvolvimento, como o caso exemplar adiante, devem levar em conta a flexibilização curricular já discutida, ou seja, recorrendo-se a uma adequação do currículo de forma mais intensificada. Veremos aspectos importantes nos atendo aos objetos e metodologias utilizadas a partir do imagético, e os diversos Instrutores Surdos atuando em prol de um dos casos.

- a. *Observado o planejamento do posicionamento mais apropriado para o aluno na sala de aula e do acesso mais prático aos objetos, construindo-*

os de acordo com os diversos usos na escola e de acordo com a receptividade (ou não) aos seus usos pelo aluno.



Figura 174 - Escola Céu 1: Foto do Aluno Surdo posicionado com materiais pedagógicos adequados para a atividade

b. *Observada uma metodologia apropriada de comunicação baseada em fotos e sinais (caso individual) do próprio aluno a partir dos sinais que aprendia e utilizava de forma significativa.*



Figura 175 - Escola Céu 1: Foto do Aluno Surdo explorando e construindo acervo imagético (fotografia) sinal de pessoas e acervo imagético (fotografia) sinais das ações de rotina.

c. *Adequação de materiais e enredos ao contexto cultural do aluno e a faixa etária.* Nesse empenho, todos os acontecimentos se tornam narrativas imagéticas porque são vastamente documentadas por fotografias de cena e da composição de sinais mais importantes (ideias-chave). Os colegas surdos (alunos e ex-alunos) acompanham uns aos outros em suas trajetórias dentro e fora da escola.



Figura 176 - Escola Céu 1: Foto dos Alunos Surdos recontando estória sobre internação hospital (fotografia) vivenciada.

- d. *Aprofundamento de dados sobre a comunicação utilizada*, dando ênfase à língua de sinais. Explorando com atenção a expressão facial, os sinais e a datilologia.



Figura 177 - Escola Céu 1: Fotos da Instrutora surda interagindo a partir de réalias (objeto real), sinal, fotografia do objeto.



Figura 178 - Escola Céu 1: Fotos da Professora de AEE explorando expressões faciais.



Figura 179 - Escola Céu 1: Fotos da Instrutora surda utilizando a língua de sinais com o aluno.



Figura 180 - Escola Céu 1: Foto do Instrutor surdo explorando a datilologia com o aluno surdo.

e. *Observação do aluno na sala de aula para identificar níveis de autonomia e de colaboração, pois a colaboração entre pares também precisa ser aprendida já que este necessita, atualmente, de maiores apoios.*



Figura 181 - Escola Céu 1: Fotos do Aluno surdo ampliando o círculo de colaboração com outros colegas surdos.

Observando e avaliando as habilidades do aluno frente a variados espaços e situações de uso da comunicação vão sendo ampliadas as possibilidades de compreensão da língua de sinais por meio de fotografias e aulas-passeio com os

alunos. Esses participam de compromissos externos quase na mesma intensidade da convivência dentro do espaço escolar. Um aluno ou outro precisa aprender a decodificar uma variedade de signos, como placas de orientação em banheiros, luzes dos semáforos, mesmo que na fase jovem-adulto. O espaço de aprendizado de leitura de imagens necessita da prioridade e seriedade como qualquer outra atividade cognitiva.

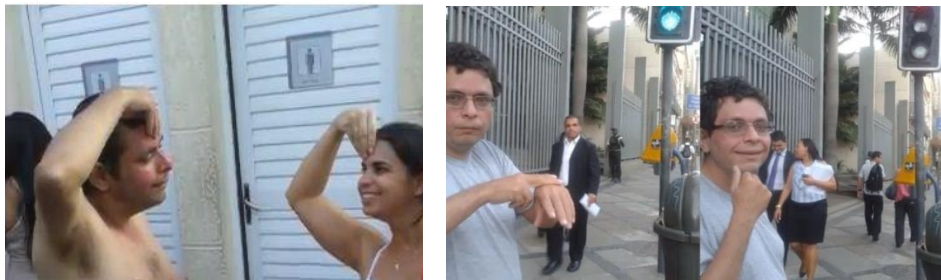


Figura 182 - Escola Céu 1: Fotos do Aluno surdo em aulas-passeio com o reconhecimento de placas, símbolos, sinais luminosos.

7.3.3. O humor registrado

A Equipe de Educação Bilíngue, nesse caso, propiciou o diálogo entre o aluno com maiores dificuldades (não é o primeiro caso de surdo autista), o seu mundo, e o mundo dos surdos. Ser intérprete e tradutor desse mundo para que, aos poucos, esteja paramentado ao diálogo e a apropriação de instrumentos e de signos, de língua, da maneira mais independente.

Alguns alunos surdos chegam até a escola sem conseguirem estabelecer um código de comunicação que possibilite trocas sociais. É comum o relato de professores e instrutores preocupados com a necessidade de um trabalho que tenha como foco o desenvolvimento desta comunicação, da interação social e do desenvolvimento da língua de sinais.

A ideia desse grupo de Instrutores Surdos, dos alunos surdos e da professora de AEE retoma ao ponto de regularidade aqui presente, das narrativas, do humor, do mesmo modo presentes quando deslizam em uma espécie de sequências visuais, dentro da *performatividade* ou performance surda. Sequências estas que são acionadas por recursos cênicos característicos da “personificação” de objetos e/ou personagens e suas características quanto à forma, textura, movimento, sensações, gestos, incorporando-a ao discurso. Este contributo da língua de sinais denota uma plasticidade imagética.

Os vídeos de piadas surdas encontrados no *Youtube* mostram alguns surdos que já se constituem lideranças, como também jovens surdos que despontam como atores e diretores de seus pequenos vídeos cômicos sobre situações vividas em família. Por exemplo, assistimos ao vídeo sobre a mãe que descobre uma possível traição conjugal do pai, marido, e outros como é o caso de um vídeo sobre uma narrativa engraçada acontecida em um ônibus em que há personagem motorista, passageiro bêbado, trocador, passageiro jovem e velho e passageiro gay. Os vídeos já existentes e encontrados pelos surdos, instrutores e alunos, como também pela ouvinte que vivencia a comunidade surda, são comentados, assistidos e recontados pelos alunos que filmam seus registros de estórias, levando em consideração que o registro fílmico é presente na língua de sinais como consequência de seu não-registro escrito; visto que até o momento o ensino sistemático do *SignWriting* ainda não ocorre.

Após a contação da estória entre os surdos e, em consequência, as suas refilmagens, também incentivadas na didática da invenção surda – antes essas estórias eram passadas de um para o outro em comunidade e não se definia a necessidade de registro –, a própria professora ouvinte relembra-os da importância de que se filmem nessas situações, incentivando-os a desenvolver tais habilidades. No lugar de contar ao outro, posicionado ao centro de um grupo, posta-se uma câmera e compartilham a narrativa com uma centena de pessoas via *web*.

Diante da narrativa, montam-se cenários de dramatização e se inserem, mais uma vez, as imagens que deslizam na tela entre uma atuação e outra, compondo um verdadeiro filme. Além disso, título, créditos ao final e câmeras que se movimentam fazem crer uma certa experiência prática em conceber pequenos filmes e que é desenvolvida junto aos alunos e pelos próprios alunos. As câmeras (fotográficas) que são usadas de modo habilidoso dão a ideia de que o ônibus está em movimento. Na tomada de filmagem (*take*) que se dá no corredor da escola é utilizado recursos de zoom, aproximando e distanciando a câmera, virando-a de um lado ao outro, suavemente ou com agilidade, para dar ideia de curvas, sinuosidades da estrada, freadas. Com os seus passageiros em cadeiras escolares dão a ideia de trepidação, pulando de modo a simular o que ocorre em um ônibus, jogando os ombros de um lugar ao outro dando a ideia das curvas feitas. Deste modo, são conduzidos novos materiais a cada semana ou quinzena de aula, mês a mês, em um ritmo intenso.

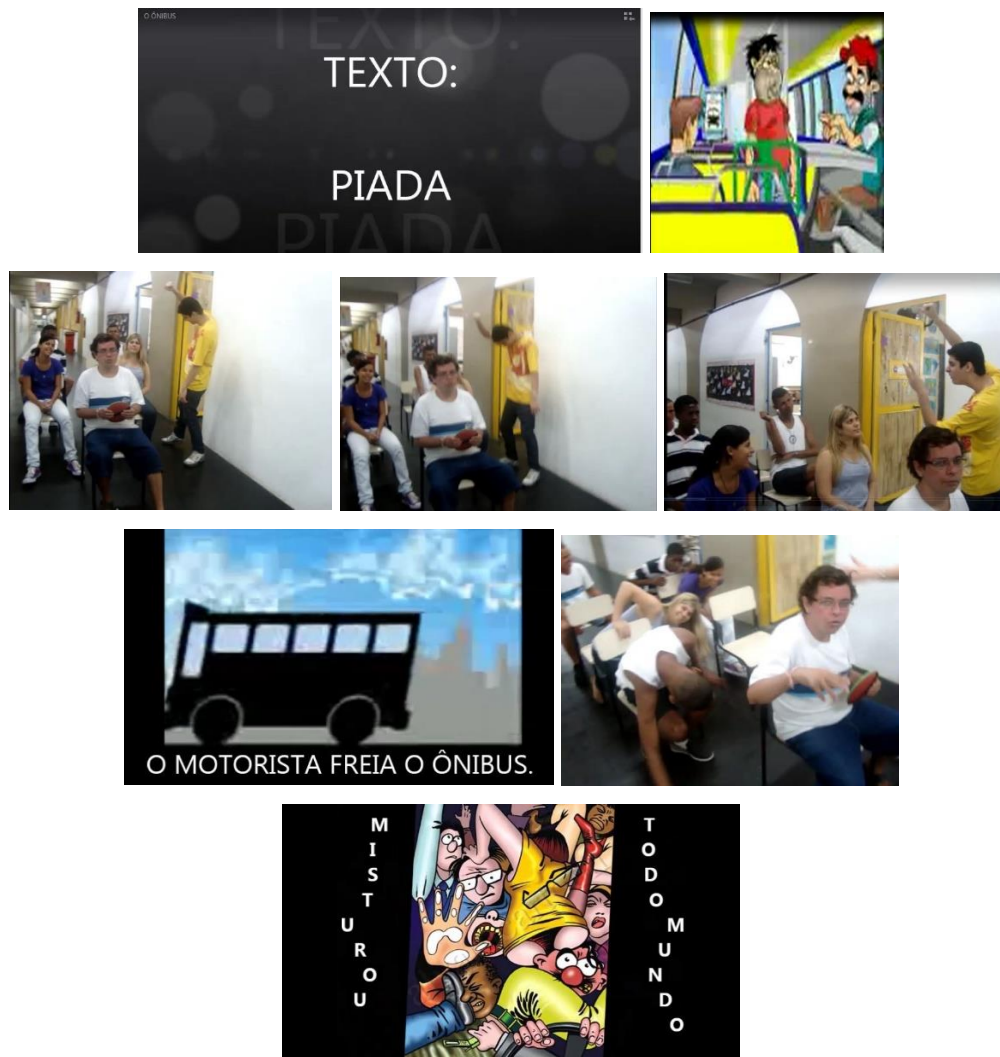


Figura 183 - Escola Céu 1: Sequência de sete capturas do Vídeo estória de humor surdo: “O Ônibus”; dramatizada e filmada no corredor da escola.

Os repertórios culturais, a criatividade e a comunicação são visíveis, só restando o aperfeiçoamento sobre as linguagens que compõem a realização, a utilização e os fins desses recursos fílmicos cada vez mais presentes nas vidas dos surdos. De modo que a capacidade de análise crítica, do diálogo sobre a composição e seus resultados, e a reflexão conjunta em comunidade escolar mais ampla, possa se dar em termos de compreensão de técnicas, da estética, dos estilos, e também dos atributos mercadológicos ou ideológicos, seja das produções da comunidade surda em geral e, mais ainda, das produções massificadas pela mídia. Tudo isso pensado de modo que, ao fazer as suas próprias produções, possam apreciá-las com rigor, avaliá-las criticamente e melhor compreendendo-as ter meios de comunicação de suas mensagens cada vez mais sofisticados.